

Autores

Milena Sciascio Ghidini

Margarita María Dueñas Orozco

Frederico Yuri Hanai

Júlia Lefcadito Alvares Comin

TURISMO *em* COMUNIDADES:

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS QUE INSPIRAM

*A todas as comunidades amazônicas,
nossa respeitosa gratidão!*

INICIATIVA AMAZÔNIA+10:

desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) na região da Amazônia legal



PROJETO:

Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental.

REALIZAÇÃO:

Universidade Federal de São Carlos – **UFSCar**

Universidade Federal de Rondônia – **UNIR**

Instituto Federal do Amapá – **IFAP**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - **UNIOESTE**



RONDÔNIA

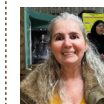


Nara Luisa Reia de Andrade
Universidade Federal de Rondônia – UNIR



João Gilberto Souza Ribeiro
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

AMAPÁ



Núbia Deborah Araújo Caramelo
Instituto Federal do Amapá – IFAP



PARANÁ

Irene Carniatto
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE



SÃO PAULO



Frederico Yuri Hanai
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Copyright © 2026 dos autores

Direitos reservados desta edição:
RiMa Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Turismo em comunidades: trajetórias e experiências
que inspiram / Milena Sciascio Ghidini... [et al.] – São
Carlos, SP : RiMa Editorial, 2026.
56 p.

ISBN: 978-65-83933-40-9

1. Turismo. 2. Turismo sustentável. 3. Amazônia. I.
Orozco, Margarita María Dueñas. II. Hanai, Frederico Yuri.
III. Comin, Júlia Lefcadito Alvares.

CDD 338.4791

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:
Turismo 338.4791

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

Norma Valencio (UFSCar - SP)

Pedro Roberto Jacobi (USP - SP)

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 81 – Jardim Santa Paula

CEP 13564-040 – São Carlos-SP

Fone: (16) 991748888

APOIO E FINANCIAMENTO:

CONFAP - Conselho Nacional das Fundações de Amparo
à Pesquisa

CONSECTI - Conselho Nacional de Secretários para
Assuntos de Ciência Tecnologia e Inovação

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo

FAPEAP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá

FAPERO - Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvol-
vimento das Ações Científicas, Tecnológicas e à Pesquisa
do Estado de Rondônia

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA - Fundação Araucária de Apoio
ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

MIDR - Ministério da Integração e do Desenvolvimento
Regional



COLETÂNEA *de* **LIVRETOS**

**PARA AS
COMUNIDADES
AMAZÔNICAS**

Organizadores das Produções da Iniciativa Amazônia+10:

Ederson Lauri Leandro
Frederico Yuri Hanai
Hamilton Tavares dos Prazeres
Irene Carniatto
Jeferson Alberto de Lima
João Gilberto de Souza Ribeiro
Lucilene de Sousa Melo
Margarita María Dueñas Orozco
Michael Machado de Moraes
Nara Luisa Reis de Andrade
Neiva Cristina de Araújo
Nubia Deborah Araújo Caramello

Revisão e Formatação

Ana Maria Martins Alves Vasconcelos

Diagramação

Júlia Lefcadito Alvares Comin

Fotografia

Ederson Lauri Leandro

1º
Livreto

Turismo além do nome:

Conceitos, práticas e significados

2º
Livreto

Turismo em comunidades:

Trajetórias e experiências que inspiram

3º
Livreto

Turismo na Amazônia Ocidental:

Aprender com a caminhada no Vale do Guaporé, estado de Rondônia

4º
Livreto

Aprendendo com a caminhada:

Turismo no Vale do Jari, Amazônia Ocidental

Este é o segundo volume da série de livretos sobre turismo em territórios tradicionais. Ele é a continuidade do primeiro volume que apresentou os conceitos fundamentais sobre turismo, suas formas alternativas e sustentáveis. Além de indicar valiosas dicas e sugerir importantes caminhos para seguir, este novo volume busca trazer inspiração a partir de experiências reais. Já o terceiro e quarto volume são focados em dois casos específicos: o do Vale do Guaporé, no estado de Rondônia, e o do Vale do Jari, no estado do Amapá, com destaque para experiências, desafios e potencialidades do turismo nesses territórios.

Este volume tem como foco a pergunta: “O que podemos aprender de quem já trilhou esse caminho?” A partir dessa reflexão, reunimos onze casos que compartilham não apenas trajetórias de construção coletiva e protagonismo comunitário, mas também dicas práticas, estratégias de organização, superação de desafios e aprendizados valiosos. Ao dar visibilidade a essas experiências, buscamos incentivar o fortalecimento de iniciativas locais, estimular a troca de saberes e contribuir para a construção de práticas turísticas mais justas, respeitadas e conectadas com os modos de vida dos povos e comunidades tradicionais.

As histórias apresentadas não pretendem ser modelos a serem simplesmente reproduzidos, mas referências vivas que mostram que é possível fazer turismo de maneira responsável, respeitosa com o território e comprometida com a sustentabilidade.

CONTEXTO LIVRETO *do*

Assim como no primeiro volume, este Livreto é resultado de estudos realizados por três projetos de pesquisa e de extensão universitária. O primeiro projeto intitulado 'Diagnóstico da gestão do território e dos impactos socioambientais na região do Vale do Guaporé, Rondônia' foi aprovado junto ao Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). O segundo, apoiado pelo Programa Iniciativa Amazônia+10, denomina-se 'Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental'. E o terceiro, também apoiado pelo Programa Iniciativa Amazônia+10, intitula-se 'Fomentando o empoderamento comunitário para a sociobiodiversidade e resiliência climática na Amazônia: experiências nos vales do Guaporé (RO) e Jari (AP)'.

Esses projetos, desenvolvidos desde 2021, contam com o trabalho colaborativo de pesquisadores e coordenadores da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), do Instituto Federal do Amapá (IFAP), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e são financiados pelas respectivas Fundações de Amparo à Pesquisa de cada estado das instituições vinculadas.

As ações desenvolvidas contam com a imensa e a valiosa colaboração das comunidades quilombolas e tradicionais do Vale do Guaporé (no estado de Rondônia) e do Vale do Jari (no estado do Amapá), com a realização de um trabalho conjunto, o qual envolve os integrantes das comunidades e pesquisadores, proporciona melhor entendimento da realidade do turismo, da gestão das águas, dos rios, dos meios tradicionais de vida e de outras variáveis importantes nos territórios dessas comunidades.

A partir dos preciosos diálogos, depoimentos e de entrevistas realizadas com os moradores das comunidades, os integrantes da equipe de pesquisadores dos projetos elaboraram os conteúdos apresentados neste Livreto, especialmente criados para a realidade dessas regiões.

Este material didático tem como objetivo apontar caminhos sustentáveis para práticas turísticas com responsabilidades socioambientais, bem como viabiliza a troca de saberes, de conhecimentos, o empoderamento das comunidades e o fortalecimento local, assim como melhores oportunidades de qualidade socioeconômica e ambiental.



Os assuntos tratados no Livreto possuem também o objetivo de engrandecer a riqueza natural das florestas, dos rios e a valiosa cultura dos povos habitantes do Vale do Guaporé (RO) e do Vale do Jari (AP), aos quais agradecemos imensamente pela parceria e pela oportunidade de desenvolver os trabalhos conjuntamente.

Espera-se que o Livreto seja muito útil e proveitoso para todas as pessoas que tiverem acesso e curiosidade sobre este assunto.

BOA LEITURA
e boas inspirações!

TURISMO *em*
COMUNIDADES:

**TRAJETÓRIAS
E EXPERIÊNCIAS
QUE INSPIRAM**





No Volume 1, apresentamos uma introdução ao tema do turismo. Explicamos o quê é, por que é importante e quais são seus principais impactos, tanto positivos quanto negativos nas comunidades e no meio ambiente, além de indicarmos valiosas dicas e sugerirmos importantes caminhos para seguirmos. Também discutimos formas alternativas de praticar o turismo, como o turismo sustentável, o ecoturismo e o turismo de base comunitária, que buscam respeitar os territórios e valorizar as culturas locais.

Neste Volume 2, damos continuidade à conversa com o tema “Histórias que Inspiram”. Reunimos aqui experiências reais de comunidades que já estão desenvolvendo o Ecoturismo e o Turismo de Base Comunitária em diferentes regiões. Por meio de exemplos, dicas e boas práticas, este volume oferece ideias e caminhos possíveis que podem ser adaptados por outras comunidades interessadas em iniciar ou fortalecer suas iniciativas turísticas.



A seguir, são apresentadas experiências de desenvolvimento do Ecoturismo e do Turismo de Base Comunitária, com destaque para as boas práticas que ajudam a pensar, ter ideias com dicas, exemplos, ações e atividades de planejamento possíveis de serem aplicadas na comunidade.



1.

*O que a gente aprende com **A EXPERIÊNCIA DE MAMIRAUÁ** (ESTADO DO AMAZONAS)?*

Vocês sabiam que existe uma pousada feita e cuidada pelos próprios moradores da floresta Amazônica? Ela se chama Pousada Uakari e fica dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, criada em 1990.

A comunidade se organizou e criou um sistema onde todo mundo tem chance de participar, sem deixar de lado suas atividades tradicionais, como pesca, roça e artesanato. Eles trabalham no turismo por até 12 dias no mês e fazem rodízio. Assim, ninguém fica dependendo apenas do turismo.

Dicas que vêm de lá:

- * A comunidade fez um acordo: o turismo não pode atrapalhar a vida do povo nem da floresta;
- * Criaram uma associação para cuidar exclusivamente do turismo e toda e qualquer decisão é tomada por todos em conjunto;

- * Aprenderam que é preciso que se preparem para gerir, cuidar do dinheiro, da logística e do atendimento;
- * Quando perceberam que uma instituição de fora estava decidindo mais do que eles, se organizaram para retomar o controle e garantir que a gestão ficasse nas mãos da comunidade.

*Pergunta pra **gente pensar:***

Na nossa comunidade, como podemos garantir que somos nós que decidimos e cuidamos do nosso turismo, sem depender tanto de pessoas de fora?

2.

E O QUE AMANÃ, vizinha de Mamirauá, TEM PRA NOS ENSINAR?

Lá, quem vem puxando as conversas são os jovens! Eles estão propondo formas de turismo que combinam com o modo de vida da comunidade: turismo de natureza, de saberes, de troca, de respeito.

Eles fazem encontros, chamados de Oficinas de Planejamento Participativo, para sonharmos o futuro do turismo juntos.

Dicas dos jovens de Amanã:

- * Dar espaço para os jovens e ouvir as ideias deles é um caminho forte para construir o futuro;
- * O turismo precisa estar nas mãos das comunidades, não pode ser controlado por quem vem de fora, senão perde o sentido;
- * Ter um plano claro, que diga como o turismo vai funcionar e como proteger a cultura e a natureza, faz toda a diferença.

Pergunta pra **gente pensar:**

Aqui na nossa comunidade, nossos jovens estão sendo ouvidos? Quais espaços podemos criar para planejarmos o turismo juntos?



3.

O que nos conta a experiêcina **DA RESERVA EXTRATIVISTA** **MARINHA DE SOURE** *(ESTADO DO PARÁ)?*

Na ilha do Marajó, o povo dos manguezais luta para proteger o território e encontrou no turismo uma forma de contar as histórias, mostrar a cultura e gerar renda dessa comunidade. Eles fazem passeios de canoa, oficinas de cerâmica, vivências na pesca e apresentações culturais.

Mas, a caminhada é cheia de desafios. Sem apoio dos governos, falta dinheiro, transporte, internet e estrutura para receber bem os visitantes.

Pergunta pra
gente pensar:

Dicas sugeridas pelo povo de Soure:

- * O turismo sozinho não resolve tudo. Ele precisa caminhar junto com a defesa do território e das atividades tradicionais;
- * Ter um plano de gestão, feito pela comunidade, é fundamental pra organizar o que pode, o que não pode e como dividir os ganhos;
- * O turismo não pode ser feito pensando somente no dinheiro. Tem que ser também uma ferramenta para fortalecer nossa luta e nossos modos de vida.

Será que a comunidade já tem claro o que queremos mostrar, como queremos receber e como proteger nossa cultura e nosso território?

4.

O que a **RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS** (ESTADO DO PARÁ) tem para compartilhar?

Na ilha do Marajó, o povo dos manguezais luta para proteger o território e encontrou no turismo uma forma de contar as histórias, mostrar a cultura e gerar renda dessa comunidade. Eles fazem passeios de canoa, oficinas de cerâmica, vivências na pesca e apresentações culturais.

Mas, a caminhada é cheia de desafios. Sem apoio dos governos, falta dinheiro, transporte, internet e estrutura para receber bem os visitantes.

Dicas das comunidades:

- * O turismo só dá certo se for realmente controlado pela comunidade;
- * Parcerias são importantes, mas a gente tem que cuidar pra não deixar que os outros tomem as decisões no nosso lugar;
- * É preciso criar regras claras para garantir que quem mora aqui é quem manda e se beneficia.

Pergunta pra gente pensar:

Estamos realmente no comando do nosso turismo na comunidade, ou alguém de fora tá decidindo mais que a gente?



5.

O que o **INSUCESSO DO PLANO MAIOR** (ESTADO DO MARANHÃO) **NOS ENSINA?**

No Maranhão, tentaram fazer turismo comunitário, mas esqueceram de uma coisa básica: ouvir de verdade quem vive no território. Faltou infraestrutura, apoio, organização e a comunidade não participou das decisões. O projeto não deu certo.

Dicas vieram desse alerta:

- * Sem participação real da comunidade, o turismo não vai pra frente;
- * Não adianta só fazer reuniões rápidas ou cursos curtos. É preciso construir juntos, desde o começo, ouvindo e respeitando os saberes locais;
- * Políticas públicas precisam ser feitas com as comunidades, não para as comunidades.

Pergunta pra gente pensar:

Será que estamos sendo realmente ouvidos por quem oferece projetos ou ajuda pra nossa comunidade? Como podemos garantir isso?

6. *E o que acontece quando* **O POVO RESISTE COMO NA BAHIA?**

Na Bahia, fizeram grandes obras e investimentos para o turismo, mas esqueceram das comunidades. Muitos desses projetos ficaram abandonados. Os quilombolas, os povos da Chapada Diamantina e outras comunidades seguraram as pontas e decidiram fazer o próprio turismo, do jeito deles, mesmo sem apoio.

Dicas dos povos da Chapada que são resistência:

- * Nem sempre quem está no governo ou nos projetos entende o nosso jeito de viver. Por isso, a gente precisa criar nossas formas de turismo, do nosso jeito, com nossas regras;
- * Organizar associações, cooperativas e grupos comunitários para fortalecer nossa luta;
- * Buscar parcerias que respeitem nosso tempo, nossos saberes e nossa autonomia.

Pergunta pra
gente pensar:

Se o apoio não vem, como podemos caminhar por nossas pernas? Quem está disposto a construir conosco, no nosso tempo e no nosso modo?



O caso da
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
IVAPORUNDUVA (ESTADO SÃO PAULO)

Na região do Vale do Ribeira, em São Paulo, a comunidade quilombola de Ivaporunduva encontrou no TBC uma forma de fortalecer sua luta pelo território, proteger sua cultura e gerar renda de forma sustentável. Lá, as famílias recebem visitantes em suas casas, promovem trilhas, contação de histórias, oficinas de cultivo tradicional de banana orgânica e práticas culturais.

Dicas da Comunidade Quilombola de Ivaporunduva:

- * O turismo foi pensado como uma extensão da luta pelo reconhecimento do território quilombola;
- * As atividades são baseadas no que a comunidade já faz, como agricultura, saberes ancestrais e práticas culturais;
- * A organização comunitária é feita por uma associação que decide coletivamente sobre as regras, os preços e os roteiros;
- * O TBC ajuda, mas não substitui a agricultura: é uma renda complementar, não a principal.

Pergunta pra
gente pensar:

Nosso turismo está servindo para fortalecer a luta pelo território e nossa cultura da comunidade ou está nos afastando do que somos?

8.

O caso da **COMUNIDADES CAIÇARAS DA** **ILHA DO CARDOSO** (ESTADO SÃO PAULO)

Na Ilha do Cardoso, os caiçaras construíram experiências de TBC com foco na valorização dos modos de vida, dos saberes da pesca, das trilhas na mata atlântica e das histórias locais. A organização comunitária permite que os visitantes participem de passeios de barco, de trilhas, culinária e vivências culturais.

Dicas dos caiçaras da Ilha do Cardoso:

- * Turismo faz sentido somente se houver respeito pelo tempo da comunidade e da natureza;
- * A construção das atividades foi feita em conjunto, respeitando os desejos e os limites de cada família;
- * As regras são claras: não se aceita qualquer tipo de turismo. É o visitante que se adapta ao jeito da comunidade, não o contrário;
- * A capacitação foi contínua, feita no tempo da comunidade, sem pressa e sem imposições.

Pergunta pra
gente pensar:

Aqui, quem adapta quem? Somos nós que moldamos o turismo, ou o turismo que tenta nos mudar?



O caso da
COMUNIDADE INDÍGENA KAMBEBA
DE TRÊS UNIDOS (ESTADO AMAZONAS)

Na Amazônia, essa comunidade indígena criou uma experiência de TBC que une educação, cultura e conservação. Os visitantes participam de trilhas na floresta, oficinas de saberes tradicionais, vivências com ervas medicinais e apresentações culturais.

Dicas da Comunidade Três Unidos:

- * O turismo é pensado como educação ambiental e intercâmbio de saberes, não apenas como negócio;
- * As regras são feitas pela própria comunidade, com respeito absoluto aos rituais, à cultura e aos espaços sagrados;
- * Toda visita começa com uma roda de conversa, onde o visitante aprende sobre a história do povo Kambeba e os cuidados que deve ter;
- * O dinheiro gerado é repartido coletivamente, priorizando sempre os projetos comunitários.

Pergunta pra
gente pensar:

O turismo que está acontecendo em nossa comunidade está ajudando a fortalecer nossos saberes e a ensinar quem chega a nos respeitar? Como podemos cuidar disso?

O caso da **SERRAS GUERREIRAS DE TAPURUQUARA** (ESTADO AMAZONAS)

Nas comunidades indígenas do Médio Rio Negro, o turismo comunitário tem sido feito com muito cuidado, planejamento e, principalmente, com participação!

Ali, o turismo é pensado desde o início com as comunidades, respeitando seus tempos, saberes e modos de viver. Jovens indígenas estão abrindo novas roças, fortalecendo a alimentação escolar e mostrando que proteger o território pode andar junto com a geração de renda.

O que eles fizeram por lá?

- * Planejaram juntos o tipo de turismo que queriam fazer;
- * Criaram um arranjo de negócio que respeita a cultura e traz retorno coletivo;
- * Realizaram expedições experimentais com visitantes;
- * Avaliaram os impactos para garantir que tudo fosse feito com responsabilidade.

Dicas das comunidades de Serras Guerreiras de Tapuruquara:

- * Fazer turismo com base na cultura local fortalece a identidade e a autoestima;
- * O visitante aprende que a natureza e cultura andam de mãos dadas, portanto, proteger uma é valorizar a outra;
- * Quando o turismo respeita os direitos coletivos, ele vira uma ferramenta de proteção territorial;
- * Turismo pode sim gerar renda, mas sem abrir mão da forma de viver tradicional.

Pergunta pra gente pensar:

Aqui na nossa comunidade, como podemos envolver todo mundo, dos mais velhos aos mais jovens, para construir um turismo do nosso jeito?



O caso da **FUNDAÇÃO CASA GRANDE – CARIRI** (ESTADO DO CEARÁ)

Localizada no município de Nova Olinda, na região do Cariri cearense, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri é uma referência nacional e internacional em educação patrimonial, turismo cultural e desenvolvimento comunitário. Criada em 1992, a partir da restauração da antiga casa do coronel Felinto da Cruz Neves, a iniciativa nasceu do desejo de preservar a memória e a história local, para valorizar os saberes, fazeres e modos de vida do povo Kariri.

O diferencial da Fundação é que são crianças, adolescentes e jovens da própria comunidade que fazem a gestão do espaço. Eles atuam como guias, comunicadores, pesquisadores e produtores culturais. Recebem visitantes do mundo inteiro, apresentam a história do Cariri, conduzem visitas guiadas, produzem conteúdo audiovisual e desenvolvem projetos de rádio, TV, arqueologia e música.

Dicas e ensinamentos da Casa Grande:

- * O turismo não é visto como produto, mas como processo educativo, de fortalecimento cultural e comunitário;
- * As crianças e os jovens são atuantes e protagonistas. Mostram que a juventude tem papel fundamental na preservação e na reinvenção dos saberes do território;
- * Toda visita começa com uma escuta: o visitante é convidado a entender, respeitar e dialogar com os modos de vida da comunidade local;
- * A geração de renda ocorre com a produção de conhecimento, o fortalecimento da autoestima e a autonomia da comunidade;
- * O sucesso da experiência vem do fato de que ela não começou pensando em turismo, mas sim em preservar a memória, contar histórias e formar novas gerações conscientes do papel que elas têm no Planeta.

Perguntas que surgem da experiência do Cariri:

- * O turismo que queremos na nossa comunidade serve apenas para ganhar dinheiro, ou também para contar nossa história, fortalecer nossa cultura e formar nossos jovens?
- * Será que estamos cuidando da nossa memória, dos nossos saberes e da nossa juventude como parte desse caminho?
- * Como podemos transformar nosso território em um lugar de aprendizagem, onde quem chega aprende e quem vive aqui se fortalece?

Lição do **Cariri:**

O turismo pode ser muito mais do que visita e consumo: pode ser uma ponte entre gerações, um instrumento de educação, de fortalecimento do território e de reinvenção cultural. A experiência do Cariri mostra que, quando a comunidade coloca seus valores no centro do processo, o turismo se torna um caminho de pertencimento, de autonomia e de transformação.



E ENTÃO...

O que essas histórias **NOS ENSINAM?**

Cada comunidade tem seu jeito, seu ritmo e suas prioridades. Mas todas essas experiências têm algo em comum:

- * O turismo só faz sentido se fortalece a comunidade, protege o território e valoriza os saberes locais;
- * O controle precisa estar nas mãos de quem vive no território, não de quem vem de fora;
- * As regras, os limites e os sonhos são definidos coletivamente, a partir das necessidades da própria comunidade.

Mas fica então **a pergunta:**

Qual turismo queremos? E como podemos garantir que o turismo seja do nosso jeito, com respeito ao nosso modo de viver e que traga benefícios para a gente?



Algumas perguntas que podem ajudar a refletir sobre o caminho da comunidade pelo turismo

- * O que precisa ser contado e valorizado da nossa história, da nossa cultura e dos nossos saberes?
- * De qual forma podemos fazer com que nossa juventude se fortaleça e seja protagonista no turismo comunitário?
- * Estamos preparados para transformar a nossa memória em uma experiência viva para quem nos visita?
- * O que precisa ser feito para que o turismo aqui não destrua, mas sim fortaleça nosso jeito de viver, de trabalhar e de se relacionar?
- * Será que estamos nos perguntando: turismo pra quê? Turismo pra quem? Turismo pra fortalecer o quê?

AGRADECIMENTOS

CONFAP - Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa

CONSECTI - Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência Tecnologia e Inovação

FAPESP - Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo

FAPEAP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá

FAPERO - Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas, Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA - Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

MIDR - Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional

Agradecimentos especiais a todos os envolvidos nas ações dos Projetos:

Moradores das Comunidades do Vale do Guaporé (RO);

Moradores das Comunidades do Vale do Jari (AP);

Pesquisadores, Estudantes, Pós-graduandos, Professores envolvidos nas ações do Projeto;

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos;

UNIR - Universidade Federal de Rondônia;

IFAP - Instituto Federal do Amapá;

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

INICIATIVA AMAZÔNIA+10:

desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) na região da Amazônia legal



PROJETO:

Caracterização socioambiental, diagnóstico da gestão territorial e análise do potencial de sustentabilidade na região do Vale do Guaporé, estado de Rondônia e do Vale do Jari, estado do Amapá: desafios para o desenvolvimento do turismo sustentável, gestão da água e educação ambiental.

REALIZAÇÃO:

Universidade Federal de São Carlos – **UFSCar**

Universidade Federal de Rondônia – **UNIR**

Instituto Federal do Amapá – **IFAP**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - **UNIOESTE**



